

ELEMENTOS PARA REFLEXÃO ENTRE "FAZER TEOLÓGICO" E ESTRUTURA ECLESIAL, A PARTIR DO REFERENCIAL DE FRANCISCO

Elements for reflection between
"theological doing" and ecclesial structure,
based on the reference
of Francis

Alzirinha Rocha de Souza^{1}*

Resumo:

A manutenção de uma ciência ao longo do tempo se dá entre outras razões a partir da necessidade de sua constante revisão epistemológica, e em relação à Teologia não é diferente. É nesse sentido que este artigo tem por objetivo apresentar a partir do pensamento de José Comblin e da reflexão sobre a prática de Francisco, elementos essenciais que constroem determinados tipos de teologia e quais podem ser suas consequências na construção eclesiológica. De fato, queremos mostrar a que ponto estas duas vertentes são intimamente relacionadas e permitem ou não a emergência dos sinais do reino de Deus no processo da história.

Palavras-chave: teologia, autoridade, autoritarismo, eclesiologia e comunidade.

¹ Alzirinha Rocha de Souza é doutora em teologia e professora no ITESP.

Abstract:

The maintenance of a science over time is got, beyond other reasons, by the need for its constant epistemological review, and in relation to Theology this is not different. It is in this sense that this article aims to present, from the thinking of Jose Comblin, and of the reflection on Francisco's practice, essential elements that build certain types of theology and what their consequences may be in the ecclesiological construction. In fact, we want to show to what extent these two strands are closely related and allow or not the signs of the kingdom of God to emerge in the process of history.

Keywords: theology, authority, authoritarianism, ecclesiology and community.

Introdução

A necessidade de um referencial ético, ausente nos nossos dias, é quase que um imperativo. O exercício de ser no mundo na pós-modernidade tornou-se grande escala o exercício de ser em massa ou em repetição. Contudo, no exercício do ser teólogo (a) não deve (ou não deveria) existir essas vertentes. Teologia é por excelência o exercício do pensar e do partilhar de conhecimentos acerca de Deus, de modo a aprofundar sua compreensão nas diferentes épocas da história. Porém, nessa mesma história bem sabemos que nem sempre aqueles que assumiram esse exercício o fizeram por partilha, mas por exercício de poder e dominação.

É o que o Papa Francisco por meio de seus gestos e posturas vem tentando desmistificar. Seu exercício teológico, na Cátedra de Pedro, passa antes por critérios claros de partilha, fraternidade, colegialidade, mesmo que alguns não aceitem ou percebam.

Nesse sentido, a proposta desse texto é resgatar elementos centrais do porquê do fazer teológico e como esses se intervinulam com os contextos pastorais. Uma teologia aprendida durante a semana nas academias que não é vivida nos finais de semana pastorais, serve a que e para quem? Qual é a função e o sentido do ensino teológico, a partir do papel que é próprio da Teologia a seus destinatários?

Em vista do exposto, apresentamos nesse texto ampla reflexão sobre o vínculo entre o fazer teológico e postura eclesial a partir, sobretudo do pensamento de José Comblin associado a elementos eclesiais do atual pontificado, visando, sobretudo, oferecer aos formandos (as) em teologia elementos dessas duas noções importantes para aqueles que em sua maioria serão teólogos e assumirão a condução de comunidades.

1. A honestidade do pensamento teológico na academia

O próprio nome Teologia Acadêmica expressa e define bem sua função. É teologia aquela que presta serviço à Igreja e à comunidade eclesial oferecendo uma reflexão séria sobre o aprofundamento do mistério de Deus revelado na

História na pessoa de seu Filho, o Cristo Jesus. Ora, se esse serviço acadêmico é essencial, creio valer a pena resgatar alguns elementos de seu desenvolvimento nesse ambiente.

Homens e mulheres se formaram constantemente dentro de uma ideia de Teologia acadêmica que encontrou sua expressão mais concreta nas faculdades alemãs do Século XIX. O mundo latino (península Ibérica) não havia chegado a aceitar essa idéia até o Século XX e ao que parece no XXI também não. Abriam a marcha para avançar teologicamente primeiramente *Leuven* na Bélgica e depois *Le Saulchoir* que foram influenciadas positivamente pelo modelo alemão e protestante onde a teologia acadêmica acabou por impor-se. Em momento bastante posterior, as faculdades do Sul (da Europa e do planeta) aderiram a esse modelo. Contudo quando chegava a triunfar o Concílio, a teologia acadêmica começa a declinar.

Segundo Comblin (1977, pp. 63-81)², é bom que se diga que uma teologia acadêmica, dado seu histórico, em sentido estrito é a que está em diálogo, seja entre diferentes linhas teológicas, seja com o mundo e com a realidade. E não só isso. O pensamento acadêmico é aquele que é honesto, isto é, que não se deixa manipular por interesses da instituição. Por isso, não é a instituição que comanda a teologia e sim a teologia que ajuda a instituição a ser cada vez mais instrumento de aproximação entre as demandas e a aproximação das pessoas a Deus. Nesse sentido é obrigatoriamente desinteressada e, tendo sua justificativa em si mesma, não necessita andar buscando razões para existir, sobretudo razões institucionais. É igualmente contemplativa e crê no valor do pensamento e no dom da inteligência que nos foi dada por Deus.

Infelizmente, dirá Comblin, para nós católicos, ainda reina uma teologia com pretensões de ser crítica, mas que no fundo se mescla com a ilusão romântica do neo-tomismo. Essa se apresentava como uma supra-ciência invocada pela imutabilidade de ser uma ciência divina, para assim dispensar-se da necessidade de adaptar-se aos novos tempos. Fraca pretensão que engana somente aos teólogos atrasados ou mais dispersos. Esse processo que foi mais forte até a segunda metade do XX, agora insiste em retornar, e que colocou a Igreja a margem da história do mundo tentando fazer uma reconstituição anacrônica de um saber total, tentando fazer ressurgir um mundo medieval em plena sociedade técnica e científica.

Ao que parece, a Igreja desejada pelo Concílio Vaticano II e pelo Papa Francisco não comunga com esse abismo entre o mundo e o pensamento teológico. O fato é que longe de ser uma supra-ciência ou uma síntese superior, como crêem ainda hoje alguns, ela não é mais que uma infra-ciência no sentido de sempre estar em atraso em respeito às outras disciplinas das quais a própria teologia se permite tirar mais ou menos dados. A teologia se quer ser contextualizada e fazer sentido na vida das pessoas sempre será discurso segundo frente à realidade que deve tomar em consideração.

² Esse é o texto de base que utilizo associado às minhas reflexões pessoais. Nesse sentido cada vez que cito Comblin estou referindo-me a esse texto o qual recomendo a leitura prévia.

Para que serve a Teologia?

Tomando em consideração os dados anteriores, podemos tomar a pergunta essencial de Comblin para essa reflexão, que trata diretamente do serviço e a utilidade da teologia (1977, p. 64).³ Poderíamos então nos perguntar: uma teologia não dialogante, feita para repetir o modelo institucional onde se encontra que desconhece o contexto, realidade e demandas de homens e mulheres que esperam respostas atuais da Igreja e que, por não obterem nenhuma, acabam por se afastar, serve para quê? A que serve uma Igreja que não compreende o papel da Universidade que entre outros é de formar profissionais, no nosso caso teólogos com capacidade crítica? A que servem teólogos que afastados do mundo concreto e pendurados na hierarquia eclesial não conseguem realizar a atualização da prática de Jesus no mundo onde homens e mulheres, e, sobretudo os mais desfavorecidos, encontram-se? Responderá Comblin, que nesse contexto a teologia se reverte em um conjunto de palavras desconexas, porque fazem sentido somente para os que a produzem.

Pois bem, resulta que a teologia fala de Deus e a teologia cristã fala de Jesus, razão pela qual não basta somente repetir a pregação apostólica: é necessário atualizá-la na história. Que a teologia como palavra humana está inteiramente condicionada pela porção do mundo onde é produzida é um fato. Por isso se esta não dialoga, e insiste em repetir o que é produzido, e mal produzido por alguns, que não permite o exercício próprio do pensar livre pelos teólogos que a produzem, é uma teologia que não tem a correção e o rigor da ciência dos ricos e nem serve aos pobres. Esta se revela como teologia monitorada instrumentalizada e interessada, que respeita mais as ordens a serem cumpridas do que a honestidade acadêmica da diversidade de pensamento. Ainda que veladas pelos revestimentos apostólicos falam para um grupo de interessados em ocultar o que é próprio do Evangelho e de direito de conhecimento de homens e mulheres fieis a Cristo. Torna-se uma teologia manipulada pelas palavras e que por elas insiste em manipular pessoas. Gera teólogos que, ao contrário de Jesus, insistem em fazer discursos tranquilizantes. O fato é que segundo Comblin, na melhor das hipóteses, essa nunca será uma teologia que se aproxime da real imagem de Deus, porque nela se mesclam elementos que não são próprios de Deus, tais como demasiadas ignorâncias e demasiados interesses ocultos debaixo de aparência de devoção e obediência, mesmo se essa for realizada em cima dos pilares da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério.

Nesse sentido uma teologia produzida em perspectiva dialogante, é aquela que está sempre ao serviço da caridade vivida e ativa. Querem fazer da Teologia acadêmica a linguagem de revelação de Deus equivale a colocar o fundamento desta no privilégio de uma classe de mandarins e adivinhos, de um clero e reservado a escribas. Contudo, cabe sempre lembrar que a teologia é direito também de leigos (as) e um dever da Igreja em deixá-los formar-se, e em permitir que colaborem na construção e no avanço de seu pensamento. Da mesma forma

³ Outro autor que faz uma boa reflexão acerca do mesmo tema é: Henri BOUGEOIS, *Questions fondamentales de Théologie Pratique*, Bruxelles, Lumen Vitae, 2010.

que há a obrigação por parte da Igreja em propiciar espaços de formação para os leigos nos níveis pastorais, litúrgicos, entre outros. Há muito não cabe mais deixá-los ao nível da devoção popular.

É certo que em pleno século XXI, aumentam o número de homens e mulheres, leigos e leigas, religiosos (as) e alguns clérigos que se dedicam seriamente à teologia acadêmica como uma profissão. É certo também que não podemos e nem devemos generalizar a posição de pessoas. A demanda de leigos (as) formados devidamente é uma das demandas do Papa Francisco no número 203 da Exortação *Amoris Laetitia*, quando ressalva a importância da presença feminina na formação sacerdotal: *A presença de leigos e das famílias, em particular a presença feminina na formação sacerdotal, favorece o apreço pela variedade e complementariedade das diversas vocações na Igreja. Ora, se não há possibilidades concretas de formação como garantir suas presenças na formação?*

Lamentavelmente, na maioria das vezes, o trabalho com a teologia de leigos (as) somente é reconhecida na prática pela Instituição Eclesial a partir da perspectiva de um serviço gratuito prestado à Igreja. De toda forma, estes continuam realizando-o com gratuidade, em solidariedade a seus pares na tentativa de suplantar uma teologia com características de repetição e dominação do conhecimento de consciência por parte de uma *casta* que a utiliza como instrumento de poder. Infelizmente a *surpresa* de uma teologia assumida como profissão é observada sempre no Sul, seja da Europa seja do planeta, onde historicamente a clericalização da teologia, em sua grande maioria, se mantém como a verdade reinante.

O próprio Papa Francisco em homilia⁴ na Casa Santa Marta, denuncia aqueles que fazem da teologia um exercício de repetição e poder do que chama *teologia do pode ou não pode*. Com efeito, o fazer teológico é muito maior que dar regras à sociedade ou aos fiéis. A revelação de Deus encarnada na história não tem em definitivo um cunho moral, e sim um cunho amoroso que leva a uma nova postura de vida daqueles que a acatam. Logo, a essência do fazer teológico é antes ajudar homens e mulheres a aprofundarem o mistério da encarnação fazendo-o vida e vida plena em suas realidades.

Nesse sentido, seja feita por leigos ou clérigos, o papel da Teologia é certamente liberar a Igreja das falsas teologias, que por resultado excluem, afastam pessoas porque não dizem nada a ninguém. Teologia falsa é aquela que insiste em mistificar e tornar cada vez mais complexa a linguagem cristã para garantir não compreensão de seus interlocutores e a manutenção do *status quo* do poder daqueles que a produzem ou indicam os que a vão produzir.

Por isso, dirá Comblin, dificilmente uma teologia verdadeira deve ser produzida somente por um grupo que se considera privilegiado por Deus. Este, em geral, é ocupado demais pelas preocupações com a ortodoxia, seus cargos, suas desintegrações afetivas e emocionais, e por seu paternalismo que suporta a manutenção do *status quo* e acaba por formar mal as pessoas e presta um

⁴ Ver texto completo em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/24/>.

des-serviço à universidade. Considerando tudo isso, é difícil supor que estes pensam de forma desinteressada na Teologia cristã.

2. Concepções eclesiológicas e teológicas: influências

Em geral, concepções eclesiológicas são suportadas pelos dois *fazeres teológicos* que apresentamos anteriormente. A teologia fechada em si mesma (falsa) e a teologia dialogante (verdadeira). A primeira prima por interesses pessoais, políticos, financeiros refletem em geral estruturas piramidais, autoritárias, ao passo que a segunda reflete estruturas circulares mais próximas do Evangelho. Em suma: a primeira reflete o autoritarismo e a segunda a autoridade.

Autoridade e autoritarismo: conceitos

Basicamente o termo *autoridade* é definido por: *exercício de poder para fazer com que alguém obedeça. Esse conceito pode ser aplicado ao nível familiar, quando os pais querem que seus filhos lhes obedeam, posteriormente ao nível escolar, quando se exige disciplina em prol da vida comunitária externa ao lar, posteriormente no trabalho, quando se exige disciplina produtiva* (HOUAISS, 2001). De fato, desde que nascemos estamos sob o poder da autoridade de alguém. À medida que ganhamos autonomia, essa vai se relativizando, e quando nos damos conta somos nós que estamos exercendo a autoridade sobre outro alguém. Seguramente autoridade reflete também um exercício de domínio sobre o outro, à medida que esse se coloca dentro de nossa exigência.

Foucault reflete que o poder é um elemento que deve ser exercido. Ele existe, deve existir e não é problema. Alguém deve ser responsável pelas formas de organizações em que se vive comunitariamente. A questão central é: como deve ser o exercício desse poder? Pode ser por autoritarismo; quando a partir da posição em que ocupa se obriga ao subordinado a obedecer, e que deriva eventualmente em um controle de consciência, isto é, sem que o subordinado perceba que o que detém a autoridade o manipula a partir de elementos que ele mesmo lhe dá. E pode ser por autoridade, quando aquele que detem um conhecimento tão profundo de algo, somente por isso adquire o respeito e autoridade respeitosa daqueles que estão consigo. Nesse último, não existe claramente a divisão entre maior e menor, mas a autoridade do reconhecimento do menor ao maior e por isso a partilha do conhecimento do maior com o menor estando ao seu lado. A posição passa a ser indiferente, porque se compreende através do respeito quem é o responsável e que exerce essa responsabilidade de forma compartilhada.

Claro está que relações pessoais não são nada fáceis, e que nelas estão envolvidas, além da razão, também as emoções. Muitas vezes as distorções de concepção de autoritarismo aparecem inconscientemente advindas de questões emocionais. Em especial quando não se conhece a fundo as pessoas com as

quais se lida. O anonimato neste caso favorece a dissimulação dos desequilíbrios emocionais. A ausência de aproximação de convivência permite aos menores criarem uma imagem própria daquele que é maior e, por sua vez essa imagem vem carregada de simbolismos próprios que são transferidos a ele.

Propriedades do exercício de autoridade no cristianismo

Ora, em se tratando de ambiente religioso, a análise torna-se ainda mais complexa, porque há entre maiores e menores um *terceiro referencial* religioso que se segue. Em se tratando do Cristianismo, o seguimento do Cristo Jesus anula os degraus, as diferenças e abre-se à escuta de pessoas e processos. Perante Ele e por adesão, em específico pelo Batismo, somos todos iguais em dignidade e diferentes em ações e vocações que se assumem nesse seguimento.

Afirmar-se seguidor de alguém, é afirmar por liberdade, convicção e fé, que sua vida, a partir dessa afirmação, será pautada por seus valores, conduta e prática. Nesse sentido, àqueles que se dizem seguidores do Cristo, somente cabe a terceira forma de exercício de poder: a autoridade por conhecimento. Dizem os textos sagrados que Jesus era aquele que *falava com autoridade* (Lc 4,22) e todos ficavam surpresos com isso. E assim o fazia, não por que era melhor que os homens de sua época, mas porque se deixando mover pelo Espírito de Deus, e conhecendo sua própria tradição apreendida dos textos da Torá Rabínica. Ele a colocava em prática, o que lhe permitia sua releitura face aos que insistiam em guardar rigidamente as tradições e as compartilhava com seus interlocutores. O conhecimento de Jesus era necessariamente partilhado com todos, mesmo com aqueles que sabia ter outra compreensão das escrituras (cf. Mc 2,3-6).

A autoridade de Jesus é *Exousía* (ἐξουσία) e não *Auctoritas*. Se a segunda foi apropriada pela Igreja medieval com o conceito de obrigatoriedade a partir do domínio do conhecimento e poder; a primeira, a que foi exercida por Jesus, dava-lhe autoridade que expressava em sua prática, tais como, ensinar (Mt 7,29; Mc 11,28; Mt 9,8; Lc 4,36), curar (Mt 9,1-13), expulsar demônios (Mc 3,15), e perdoar pecados (Mt 9,6; Mc 2,10).

O que é *exousía*? Geralmente se traduz como *autoridade*, e às vezes, como *poder*. A origem da palavra está na ideia do *poder da escolha*, a *liberdade de agir* e da *permissão*. A partir disto vem a ideia do poder físico ou mental ou a habilidade ou força que se recebe que então exerce sobre outros. Logo, a *exousía* é o *poder de autoridade e de direito para realizar certos atos e decisões* e acaba sendo associada com o poder de governar, por exemplo, por oficiais dum governo ou até por seres espirituais invisíveis. Por derivação por se referir também a *uma esfera onde o poder e a autoridade são exercidos*.⁵

A autoridade de Jesus era evidente e, ao contrário de obrigar oferecia liberdade e verdade. Não precisava sacar nenhuma carteira de profeta, sacerdote. Não usava uniforme de pastor ou padre. Não havia certificado de ordenação ou diploma de bacharel em teologia no seu gabinete. Aliás, não tinha gabinete.

⁵Ver: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/exousia/9059/>. Acesso em 31/03/2017.

A sua autoridade era de outra natureza, evidente, marcante, para todos verem. Não há nenhuma evidência de esforço próprio por Jesus no exercício da sua autoridade, o que demonstra claramente que além de conhecimento, a autoridade pressupõe derivação de uma fonte externa que é o próprio Deus, que exuberava autoridade.

Seguramente a *exousía* é afirmada por reconhecimento. E lembremo-nos que era esse o caso de Jesus. Se por um lado, o grupo que era contra sua autoridade se revelava bastante maior que seus seguidores, e em certo aspecto entendiam e lhe davam crédito pela autoridade com que fazia suas críticas e afirmações; por outro lado os mais próximos e os que o acompanhavam mesmo sem conseguirem compreender a mudança de paradigma que Jesus propunha, davam-lhe crédito, dada que a mesma autoridade lhe fluía naturalmente. (Mt 20,20).

A *Exousía* de Jesus revelou-se em última instância em *serviço gratuito*, àqueles a quem se dirigia. Certamente a tradução de textos e significados que mudam entre as línguas nos ajude a aprofundar alguns desses significados termos. Em português, se nós pedimos um serviço a alguém, nisso está embutido um pagamento. Muitas vezes ouvimos nas ruas *eu estava em meu serviço*, ou *atrassei-me para chegar ao serviço*. Na língua francesa, quando se pede um favor a alguém, isto é, uma atividade gratuita se pede *un service*. Por analogia, o que Jesus nos ensinou a sermos e a realizarmos são *services*, isto é, nos colocarmos em posição de abertura ao outro como bem lembrado por Paulo durante toda a Carta aos Tessalonicenses.

Ora, sabemos que ao longo de dois mil anos, as primeiras comunidades de Jesus, por diversas razões e influências sociais e políticas, se configuraram no que temos agora. Sabemos também que muitas vezes o peso da estrutura institucional se impôs sobre seu fundamento primeiro e sobre sua razão ser: comunidades de seguidores do Cristo que o anunciam na história. Simples assim? Sim. Essa é a principal missão da Igreja no mundo: anunciar o Evangelho de Jesus, o Filho de Deus encarnado no seio de Maria, pelo Espírito Santo. O anúncio de um Deus Trinitário, que na plenitude dos Tempos (Gal 4,4), e por livre vontade é enviado à história. A Salvação da história entra na história da Salvação. A transcendência que se efetiva por seu livre desejo de proximidade de sua criação.

Esse dado tão simples e ao mesmo tempo tão profundo foi se configurando ao longo da história revestido de muitas expressões. Deus se esforçou tanto para aproximar-se da humanidade e algumas expressões e pessoas que se revestem dessa verdade revelada se esforçam mais ainda para afastá-lo do mundo. Como nos lembra Comblin, é necessário tirar do Evangelho e da Igreja as inúmeras capas que foram sendo colocadas, e recuperar sua pretensão de voltar a ser anunciante de forma simples, clara, com palavras e testemunhos da Boa Nova de Jesus. Essas capas foram criando uma Igreja institucional e refletindo em uma teologia, que a exemplo do Templo de Jerusalém e alguns de seus movimentos religiosos, excluía, dividiam, classificavam pessoas de acordo com os

critérios que seguramente não eram instituídos por Deus (COMBLIN, 1977).⁶

Contudo, o Espírito de Deus sempre sopra onde quer. E não poucas vezes seu sopro mostrou a Igreja à necessidade de voltar às origens do anúncio e da vivência do seguimento de Jesus. E não faltam exemplos de pessoas que movidas por ele não só mostraram como concretizaram com seus testemunhos a volta à vivência do Evangelho. Assim nasceram as ordens mendicantes (Franciscanos e Dominicanos); assim nasceram todos os movimentos e confrarias que não se identificavam com o Evangelho encapuzado; assim fez Lutero com seu protesto que o levou ao afastamento de Igreja; assim fizeram muitos mártires por todo o mundo que deram suas vidas por causas que demonstrassem o verdadeiro sentido do Evangelho. Tudo na certeza de que o Evangelho é para ser luz do mundo, e não vela sob a mesa.

O grande evento de tentativa de tirar as capas do Evangelho que não eram suas foi o Concílio Vaticano II (1962-1965). Havia passado tempo demais desde a contrarreforma da Igreja e estávamos mais uma vez com a luz evangélica consideravelmente apagada. O mundo, a partir dos anos 60, rumou para um lado e a Igreja, não colhendo toda a riqueza das orientações conciliares, acabou rumando para o lado contra o que que lutava e a afastava das demandas e do mundo concreto. Perdemos o diálogo com a modernidade e íamos perdendo o diálogo com a pós-modernidade. Perdemos o diálogo interno, caímos no ritualismo, e sem compreender as mídias das grandes massas, as utilizamos para nos convenceremos que o caminho da *nova evangelização* nos levaria à *nova civilização cristã* segundo a visão de João Paulo II. Talvez, por esses e outros equívocos epistemológicos, também tenhamos chegado à renúncia de Bento XVI. E nesse processo obrigamos a teologia a repetir algo que o mundo não necessitava ouvir.

Felizmente mais uma vez o Espírito de Deus soprou como e onde quis, e saiu do Conclave, fortalecido por ele, um Papa Latino Americano. Certamente sua formação jesuíta, sua personalidade argentina e sua experiência do *chá da Igreja* imprimam o tom de seu papado. Porém, a compreensão de Ministério como serviço, o reconhecimento da necessidade de Igreja voltar-se ao seguimento de Jesus e à aproximação com o mundo, a partir da simplicidade, se destacam muito mais e efetivamente refletem sua Eclesiologia.

Nos dias de hoje, segundo o que demonstra o Papa, não cabe mais uma Igreja com pompas e circunstâncias, homilias perfeitamente teológicas que não dizem nada às vidas concretas das pessoas, ministros do altar coroinhas com roupas de luxo que se divertem pelas sacristias sem a menor compreensão do que fazem. Ainda que alguns ainda insistam em fazê-lo.

No alto de sua *Exousia*, Francisco percebeu que os gestos transformados em testemunho e diálogo franco que aproximam pessoas e minimizam diferenças falam muito mais ao mundo que as roupas, os báculos, os anéis, mitras, cátedras. Daí a razão de sua proximidade, de seu carisma pessoal que atraem não somente cristãos, mas que têm despertado em muitos que estavam afastados da Igreja e de outras denominações o desejo de voltar a estabelecer o diálogo.

⁶ No mesmo sentido advogou Juan Luis SEGUNDO, 1974.

Ao passo que muitos foram cooptados pelo poder, Francisco permaneceu Bergoglio. Sua noção de autoridade vem de sua experiência pessoal e não do posto que ocupa. Certamente é o primeiro da Igreja e sobre ela tem a responsabilidade. O primeiro em dignidade, já que opta por trabalhar em colegialidade. Como ele mesmo expressa em EG 24, ele *primereia* no diálogo, na proximidade, **nas causas que assume que estão como chagas expostas no mundo e que são contra-testemunhos evangélicos**. Valoriza certamente o ensino e os sacramentos, e não teria como ser diferente. Contudo, mostra que sem a experiência e gestos de testemunhos concretos, perdem seu significado.

Francisco escreve seu papado mais com gestos que com textos, e através deles nos diz a linha que a Igreja deve seguir em tempos atuais. Para entendê-lo não precisamos de grande cultura, mas de experiência de Deus, que olhou para seu povo aflito na escravidão, que olhou para humildade de sua serva. Deus olhou e viu a necessidade daqueles que estavam frente a Ele. Francisco, movido pelo Espírito Santo de Deus, olhou e viu a necessidade de em colegiado voltar-se ao concreto da história entendendo primeiramente quem são seus interlocutores. É o que nos pede o Papa hoje a partir de *Exousía*, que podemos afirmar ser demonstrada em três elementos centrais: Cristo, diálogo com o mundo e gestos.

Luciani (2017) fala da “nova forma de fazer teologia em diálogo com as culturas e os povos”, realizada pelo papa Francisco. Rincón (2016) destaca que, como bom jesuíta, *o Santo Padre é 100% cristocêntrico*, no sentido mais positivo possível. Francisco luta pela volta do fundamento cristológico como base para a ação humana. Suas ações evidenciam a pureza de sua formação teológica aí expressada, aliada à sua experiência com a chamada *Teologia do Povo*, que, segundo Scannone, é a forma com a qual a Teologia da Libertação se enraizou no contexto argentino. Ressaltam-se ainda a sua proatividade e proposição além de otimismo em meio a um contexto globalmente delicado. Sua concepção de Igreja se dá em torno das definições conciliares de Igreja *Povo de Deus*, que está na realidade da história e deve fazer face a ela e suas demandas.

Galli (2017) aborda de maneira mais ampla a análise sobre Francisco a partir de dois aspectos: o Espírito conciliar que toma novo impulso com esse papado e a ação do Espírito de Deus que se volta para as características da teologia latino-americana através da pessoa do papa.

Chinello (2017) por ocasião do Encontro Comunicação e Misericórdia, organizado em Roma no mês de junho de 2016, afirmava que somente com gestos o papa está escrevendo em seu pontificado a *encíclica dos gestos*, aliada aos documentos formais. Afirma ela que, mesmo que ele não dissesse uma só palavra, somente em suas aparições já teria traduzido seu pensamento com a vantagem de que gestos não dão margem a falsas interpretações.

Certamente a experiência do Deus que olha seu povo, se dá de formas distintas para cada um de nós, à medida que cada um de nós lhe permite acontecer. Afortunadamente, Deus não nos obrigada a nada, e sabiamente ele espera paciente e misericordiosamente que superemos nossos limites e nossas dificuldades. E quanto mais fizermos sua experiência, mais crescemos em experiência e graça, isto é, em *exousía*. Para a *Nova Evangelização*, para a Teologia, não pre-

cisamos de grandes sinais, de grupos que se fecham em si mesmos para reforçar sua identidade, de grandes cruzeiros no peito e nem teólogos de repetição. Esse é um caminho bastante estreito para estabelecer diálogo com o mundo.

Sair de nossa autorreferencialidade, olhar para fora de si, superar as projeções psicológicas que temos de nós e do poder, para poder olhar o contexto onde estamos e chegamos, a história que por ali passou antes de nós para não feri-la, a realidade que nos abraça e aos nossos interlocutores colocando-nos a serviço, esse conjunto de atitudes é o maior exercício de autoridade que podemos oferecer não à nossa altura, mas à altura daqueles que servimos. Aí está a origem da nossa autoridade do teólogo, daí que nasce a teologia verdadeira, lícita e na qual acredito.

Conclusão

Nesse texto o nosso objetivo foi retomar a reflexão sobre o fazer teológico e como este pode ser utilizado para justificar diferentes concepções eclesiais. As demandas para repensar o fazer teológico não são novas, mas nem por isso deixam de valer a pena serem repensadas. A libertação da teologia que deve levar seus destinatários à libertação, ainda é tarefa que está por ser cumprida, que por vezes as limitações humanas (e por vezes acomodação) constantemente não deixam que ela avance.

Ao final deste texto, deixo aos alunos (as) de teologia e a todos aqueles que trabalham com a arte de aprofundar a reflexão sobre a revelação de Deus na história, a exortação ao pensar e repensar constantemente a função, importância e sentido dessa ciência hermenêutica, que deve prioritariamente ser serviço de caridade para homens e mulheres dispostos a entrarem na dinâmica de Deus e na colaboração de fazer emergirem, no processo da história, os sinais de seu Reino.

Referências bibliográficas:

- BOUGEOIS, H. *Questions fondamentales de Théologie Pratique*, Bruxelles, Lumen Vitae, 2010.
- CHINELLO, M. A. Disponível em: <https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/i-gesti-di-papa-francesco>. Acesso em 29/01/2017.
- COMBLIN, J. *Teología. ¿Qué clase de servicio?*, In: GIBELLINI, R. (org.), *La nueva frontera de teología en América Latina*, Salamanca, Sígueme, 1977, p. 63-81.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008
- FRANCISO. *Homilia Casa Santa Marta 24/04/2017*. In: (<http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/24/pap>). Acesso em 24/04/2017.

- _____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. In: www.vatican.va.
- _____. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. In: www.vatican.va.
- GALI, C. *Francisco: una nueva hora de la Iglesia Latinoamericana*. Disponível em: Teología Hoy <http://www.teologiahoy.com>. Acesso em 29/01/2017.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LUCIANI, R. Entrevista a ACI Digital disponível em: www.periodistadigital.com/religion/america/2017/01/23/rafael-luciani-uno-de-los-objetivos-del-encuentro-es-apoyar-el-proceso-de-cambios-que-el-papa-lleva-adelante.shtml#. Acesso em 31/03/2017.
- RINCÓN, José Leonardo. El pensamiento libre, disponível em: <http://www.elpensamientolibre.com/2016/09/interpelaciones-del-papa-la-teologia-hoy.html?view=timeslide>. Acesso em Maio2017.
- SEGUNDO, J. L. *Liberación de la teología*. México: Carlos Lohlé, 1974.